

# MOSTRADOR DE JOALHEIRO

De *Raymundo Corrêa*: — Conchita (soneto)  
De *El-Juanito*: — Chronica Azul  
De *Zulmira*: — Amelia (num velino mignon...)  
De *Rodolpho Leite*: — A Palmeira (sonetinho)  
De *José Felizardo*: — Laura (conto)  
Uma Carta de Camillo Castello Branco  
De *Silvio de Almeida*: — Auzencia (poesia)  
Do *Padre Senna Freitas*: — Atravez das Ilhas britannicas  
De *Adolpho Araujo*: — Spectralis (soneto)  
Balanco das publicações

De *João Silveira*: — Os meus cabellos brancos (versos)  
A Folha (I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI,  
[ XII, XIII, XIV, XV, XVI])  
De *J. L. Almeida Nogueira*: — Direito Constitucional  
D'Os Dois: — O chavão do estylo  
De *Aremil*: — Factos e coizas  
De *Serpa Pinto*: — Perfida! (soneto)  
De *Alfo*: — Chronica Vermelha  
D'Os Dois: — Estatutos d'A Folha

## CONCHITA

*Adeus aos philtros da mulher bonita,  
A esse rosto hespanhol, pulchro e moreno;  
Ao pé, que no salero...; ao pé pequeno,  
Pé que, aligero e célere, saltita...*

*Lyra do amor, que o amor não mais excita,  
A um silencio de morte eu te condemno;  
Despede-te; e um adeus, no ultimo threno,  
Soluça ás graças da gentil Conchita.*

*A esses, que em ondas se levantam, seios  
Do mais cheiroso jambo; a esses quebrados  
Olhos meridionaes de ardencia cheios;*

*A esses labios, emfim, de nácar vivo,  
Virgem dos labios de outrem, mas corados  
Pelos beijos de um sol quente e lascivo.*

RAYMUNDO CORRÊA.

## "A FOLHA"

I

A apreciação que abaixo vêdes, leitor amigo, foi tirada do *Estado de São Paulo*:

"Começou ha dias a sua publicação nesta capital um elegante periodico com este título — *A Folha*.

E' quinzenal e exclusivamente litterario, muito bem impresso, em bom papel, com oito paginas. Diz ser collaborada pelos melhores escriptores nacionaes, e effectivamente brilham no seu primeiro numero alguns nomes de escriptores dos mais festejados nas nossas lettras.

São seus directores os srs. Adolpho Araujo e Renato Carmil. O numero a que nos referimos é variadissimo; traz nada menos de treze poesias, — o que é talvez demasiadc; — duas chronicas — uma *Azul* e outra *Vermelha*; um conto de d. Julia Lopes de Almeida, um artigo de Raymundo Corrêa, e varios outros escriptos interessantes e originaes.

E' uma das melhores publicações que no genero têm apparecido em São Paulo; por isso lhe desejamos vida prospera e milhões de assignantes."

## CHRONICA AZUL

Não ha bafo que te inficione o seio azul, ó minha carinhosa Phantasia!

Por mais que a sociedade hydropica e rugidora se convulsione epilepticamente; por mais que em pavoroso descompasso bramem

DIRECTORES

*Adolpho Araujo,  
Renato Carmil.*

Redacção — Rua do Riachuelo, n. 36.

1890  
S. Paulo, 23 de Julho

N. 2

A FOLHA

UMA QUINZENA

as anarchias; e por mais que esse Malstron — a Morte, lembrando a enorme guela de um cetaceo, escancare as mandibulas para engulir os homens e o mundo, ahí continuás tu, limpida e immaculada, a voar, a voar indefinidamente, livre de cuidados e vazia de preocupações. . .

No entanto é teu dever aqui estar a meu lado, vendo e registrando os acontecimentos, que, precipites, desencadeados, vão desfilando aos dois, aos tres, aos vinte, em uma imperturbabilidade logica, em uma rotina fatal.

Vamos, pois, trabalhar, minha filha!

(N'um velino mignon, em cujo angulo havia um amor perfeito emergindo de um punhado de saudades, escreveu a poesia seguinte uma interessante menina, filha de um dos mais notaveis poetas paulistas):

## AMELIA

*Este pequeno amor perfeito  
Que tem do lyrio a côr mayoada,  
N'um canteirinho do meu peito  
Nasceu inda esta madrugada.*

*(E o interessante é que florin  
Por entre um tufo de saudades,  
Flores, que a ausencia desparziu  
Pelo jurdim das amizades).*

*Guarda-o, pois, bem guardadinho  
No doce abrigo de teu peito,  
A flor do meu coraçãozinho:  
— Este pequeno amor perfeito.*

ZULMIRA.

Eu preciso que tragas do Levante um pouco desses perfumes exquisitos que chloroformisam o corpo e adormtam os nervos, fazendo sonhar com paizes edenicos, virgens hebrêas, e sylphos vaporosos.

Quero que me tragas caçoulas de prata onde fumeguem a myrtha e o nardo; filigranas de oiro roubadas ao collo das sultanas, pennugens macias apanhadas no ninho das rolas. . .

Sabes para que? Para enfeitar esta chronica. Uma chronica para ser bonita para mim, deve falar em creanças, passaros, risos e flores. . . Gosto muito de vêr um pedaço de prosa brando e doce, cheio de rythmo e rumorejado de canções, por onde as climax e as anadiplosis se entreacem mansamente, como trepadeiras, e por onde as phrases trebelhem e gritem como as crianças, chilrem e guitarrêem, como as aves.

Este céu liso, ennoivado de azul e vitrio lado de oiro que agora vemos, já esteve dias atraz um céu humido, nivoso, entoxicado de cyrrhus.

Foi quem sabe? para marcar e enluctecer o 10 de Julho de 71, em que desappareceu Castro Alves, o extraordinario sentimentalista, que compunha estrophes hugoanas e exprimia as emoções psychologicas de um modo soberbo.

Hoje, que os modernos olham para os seus poemas illuminados, como quem olha para um reliquia carunchada e moida pela carcoma, o grande poeta, nada mais é nas rodas litterarias do que um cenobita dos escravos, um pobre versejador, torto e sem arte.

Nós, porém, minha Phantasia, que temos uma vida ideal; que andamos a perflhar os ensinamentos de Platão; e que arrepiamo-nos ao ler as ignobilidades de Baudelaire e as impudicicias de Zola, lançamos nesta chronica um ponto negro, articulando o nome do cantor das *Vozes d'Africa*.

Dizem que é um crime litterario asseverar a bondade de Castro Alves. Pois que deem-nos o competente castigo pela nossa perversidade. *Me, me adsum qui feci; in me convertite ferrum.*

Foi esta mesma quinzena de céu escuro e neblina insistente que levou no seu bojo a morte de um quinto annista, o Homero de Castro, que, ninguém esperava se fosse do mundo tão cedo.

Alma cariciosa e boa, o academico merece ser pranteado pelos moços tanto mais quanto ia chegar agora a Chanaan de suas aspirações: — o gráu de bacharel.

Homero não foi poeta, nem litterato; mas, comquanto arredo a imprensa, o rapaz procurou sempre o convívio dos estudantes mais distinctos e apontados pelos seus talentos.

Derramemos, pois, derramemos duas lagrimas sinceras e expressivas á memoria d'aquelle espirito comprovadamente lhano e reconhecidamente amavel.

Ainda não está ultimada a nossa obrigação.

E' mister, minha Phantasia, que digamos algumas palavras sonoras sobre aquella casinha que fica alli, ao Largo da Sé, escudo vermelho á porta, pontalete aprumado, apto para bandeira.

Já me comprehendes decerto. Quero falar dos *Voluntarios da Patria*, esses que no teso da refrega salvaguardaram nossa honra e heroicidade.

Entresacha filha, um tufo de violetas sobre uma grinalda pampinea, e vamos offerter áquelles homens admiraveis que venceram charnecas, dominaram carrascaes e curtiram a fome e o frio por entre algares empinados e sarcedos labyrinthosos...

Devemos nos descobrir perante elles, como quem se descobre ante a effigie de um varão illustre, cuja memoria perdura intacta e immorredora.

Agora, que elles são depositarios de nosso valor, dirijamos-lhes um cumprimento affectuoso, fervente, cheio de sinceridade.

*El-Juanito.*

## II

Tem a palavra o *Mercantil*:

"Recebemos o primeiro numero d'*A Folha*, uma das melhores revistas litterarias que se têm publicado em S. Paulo. Feita com gosto e bem impressa, *A Folha* dispõe de uma excellente collaboração e tem todos os titulos que a recommendam á sympathia publica.

Este numero vem cheio de boa prosa e bons versos. Entre outros trabalhos notamos um importante artigo do dr. Almeida Nogueira, sobre direito constitucional.

Nossos parabens aos illustres directores d'*A Folha*, a quem agradecemos a offerta do presente numero."

## A PALMEIRA

N'uma paragem despida,  
De morro em morro ondulada,  
Por hervações dominada,  
Cáe a vista esmorecida.

Mas frescura logo e vida  
Tem a soidão descampada,  
Si a palmeira contemplada  
Póde ser, ao longe erguida.

Ella está carpindo a maga,  
Terna cantiga, que vence  
Estrondo de ira da vaga.

Uma só palmeira basta  
A' scena braziliense,  
Espreada embóra e vasta.

Mendes, Julho de 1890.

*Rodolfo Leite.*

## III

No *Jornal da Tarde* foi encontrado este trecho:

"Recebemos hontem o primeiro numero de uma elegante *quinzena* com o titulo acima, habilmente redigida pelas melhores pennas do nosso mundo litterario.

Entre outros trabalhos de verdadeiro merito notámos um bellissimo soneto da festejada poetisa Zalina Rolim, uma elegante phantasia da primorosa escriptora Julia Lopes, um importantissimo artigo do dr. Almeida Nogueira sobre direito constitucional, bons versos de Osorio Duque Estrada, Wencesláu de Queiroz, Luiz de Carvalho, Magalhães de Azeredo, Medeiros e Albuquerque, e muitos outros festejados e talentosos poetas.

Agradecemos ao collega a honrosa visita, desejando-lhe uma existencia longa, prospera e eternamente azul, azul como o titulo delicado e poetico de sua primeira *chronica*."

## LAURA

Adoravel creatura!

A primeira vez que a vi, era ella então uma encantadora creança de doze annos, alegre, corada, desenvolta.

Aonde quer que estivesse, viviam o riso e o contentamento a florescer — incessantes aos effluvios daquella natureza graciosa e irrequieta.

Tudo o que a phantasia vae procurar nos multiplos e differentes modelos para formar o typo da perfeição ideal, resumia-se nos seus menores gestos e movimentos.

Em torno della irradiava alguma cousa de celeste e de aereo, que nos obrigava insensivelmente a seismar nos divinos anjos de Milton e nas vagas creações de Pradier.

Duas azas, prendessem-lhe duas azas sobre a purissima alvura de suas deslumbrantes espaldas, e vel-a-iamos voar, voar, voar!

E chamavam-n'a todos — Laura, a traquinas.

x

Passados annos tornei a vela.

Os suaves e primorosos contornos que eu admirára, quando apenas delineados e indecisos, tinham-se amplamente accentuado e estava mais que nunca formosa.

A menina transformou-se em mulher... mulher esplendida, tentadora; mulher dessas que, para empolgar-se-lhe o coração, dão á gente uns impetos de atirar-se de cabeça baixa no abysmo de todas as incommensuraveis loucuras.

Mas já não ria.

As rosas da face succedera a pallidez dos lyrios, e no rosto e no olhar onde outr'ora brincava o raio das fulgurantes felicidades, viam-se agora a fluctuar fustamente as sombras de intima e profunda tristeza.

Fugia das festas, tinha horror aos bailes, e a tudo isso preferia passar horas e horas contemplando o lucido brilho das estrellas, ou seguindo no espaço o perpassar ondulado das nuvens.

Os medicos chamados para descobrir a causa daquella estranha e inexplicavel melancolia, disseram-n'a affectada de... umas cousas que elles mesmos não sabiam o que era.

E receitavam tisanas e mais tisanas, como se houvesse beberagem capaz de curar a nostalgia do infinito.

E enquanto esses sabios cavavam inutilmente na sua sciencia, ella persistia no seu viver silencioso e contemplativo.

Lamartine era-lhe o poeta do coração.

Lia-o, relia-o, haurindo sempre novo encanto na elevação mystica dessas paginas perfumadas da mais pura e radiosa das poesias.

Nunca conseguiu ella ler o poema da *Graziella* sem affligir-se e encher-se-lhe os olhos de lagrimas diante dos inditosos amores da suavissima heroína.

Em uma carta que por esse tempo escreveu a uma amiga, o trecho final resava assim:

"Dizes-me que vae casar com o homem que amas; felicito-te e aqui fico pedindo á Virgem Santa que te desconte em felicidade toda a bondade de tua alma.

Por mim creio que morrerá solteira... não é que me faltem pretendentes; pelo contrario, são tantos que nem eu te saberia contar. Mas que rapazes, minha amiga!... Umás cabeças frivolas, tolas, varias, como as cabeças das bonecas que nos divertiram a infancia. Causa dó vel-os... Dizem-me entretanto, que pertencem á fina flôr da nossa sociedade paulistana... Triste sociedade que só tem para offerter-nos tão ridiculas flores!

A mulher que casar com qualquer d'elles póde levar a certeza de possuir um sujeito muito asseiadinho, muito bem trajado, muito entendido em prender á *boutonniere* uma flor; porém, muito capaz tambem de a matar de aborrecimento.

Olha, queres que te diga? Sinto que não casarei. Para fazel-o, fora preciso encontrar o ideal que sonhei... um impossivel quasi.

Imagina um moço pallido, de bigodes louros, de olhos rasgados e expressivos, de

BIBLIOTECA HISTORICA DO PARQUE DE S. PAULO

cabellos longos e annelados, natureza assim meio Werther, meio Romeu... Vejo-te d'aquí, estás a rir destas minhas doidices... Adeus.

A mãe agradece e retribue todas as boas e graciosas palavras que lhe mandaste, etc."

E chamavam-n'a todos — Laura, a scismadora.

x

Ultimamente encontrrei-a de novo.

Que immensa e profunda mudança!

Não era mais pallida, nem corada, nem elegante, nem alegre, nem melancholica... era gorda.

A delicada harmonia de sua compleição, a graciosa flexibilidade do andar, os supremos toques da fascinadora belleza que a animára, tudo atufou-se, fundiu-se, perdeu-se nas expansões de um engordar insolito.

Parecia gelado, inerte, morto o proprio olhar, aquelle olhar ardente, que em cada volver espadanava myriades de scintillações.

Ao lado, agarrando-lhe o braço, ia uma especie de botoque — bipede, esbaforido e vermelho... a fazer morrer de inveja a mais rubra beterraba.

Chamava-se Fortunato Crispim, cidadão dado ao commercio de bacalháu, na quaresma, e de carne secca no resto do anno, e que, por commodidade não usava bigodes e trazia o cabelo cortado á escovinha.

N'esse tempo chamavam-n'a todos — a mulher do Chrispim!

x

Ora fiem-se lá no que escrevem e promettem raparigas!

JOSE' FELIZARDO.

## IV

Conheceis o *Diario de Noticias*?

Pois é elle que disse isto sobre *A Folha*:

"Recebemos o primeiro numero d' *A Folha*, incontestavelmente uma das melhores revistas litterarias que têm apparecido em S. Paulo.

Bellas poesias de d. Zalina Rolim, Wencesláu de Queiroz, Ezequiel Freire, O. Duque Estrada, Eduardo Chaves, Medeiros e Albuquerque e outros; um delicioso conto assignado por d. Julia Lopes de Almeida e Nenia Branca, de Adolpho Araujo; um bem traçado artigo sobre Direito Constitucional, firmado pelo illustrado sr. dr. J. L. de Almeida Nogueira e outros muitos escriptos em prosa e verso.

Vê-se por ahi a excellente collaboração que tem *A Folha*.

O primeiro numero é um verdadeiro *bijou*.

Acceitem por isto, os seus talentosos directores, Adolpho Araujo e Renato Carmil, as nossas saudações, e agradecimentos pela visita."

### Uma carta de Camillo Castello Branco

A carta inédita que abaixo inserimos é do summo pontifice da lingua portugueza.

Endereçou-a elle ao seu illustre patricio padre Senna Freitas, a cuja obsequiosidade devemos sua publicação. E' uma das muitas que, no seu commercio intimo com os amigos, Castello Branco exuberava á farta a mansuetude de sua alma.

Notabilisa-se esta carta por ser quigá uma das ultimas das que o grande escriptor escreveu com seu proprio punho. Como em todas as outras, nella observam-se a amargura e o scepticismo teterrimos que espedaçavam o coração de Camillo, avelhantando-o precocemente.

Eliminados alguns de seus topicos, que, por inconvenientes na actualidade não nos foi permittido publicar, chamamos a attenção dos leitores para a ultima phrase, que mais uma vez revela o estado pathologico em que naquelle anno já se achava o espirito de Camillo:

"Meu querido amigo. — Ainda pude vêr o seu retrato que me alvoroçou alegremente.

Não me podia restar outra esperanza de o vêr.

Acho-o n'um *bon point* de saude e socego de corpo e alma. Muito lhe agradeço este novo favor, porque desejo que os meus netos o conheçam.

Estou a escrever a trote, porque não vejo. Tenho apenas algumas fibras contracteis em uma das retinas.

Estou em preparativos para voltar a Lisboa, onde estive ha dias em consultas de opthalmologistas. Não me fazem nada, mas têm a piedade de me illudir. Inutil piedade!

Adeus, meu caro amigo. Hei de enviar-lhe de Lisboa o meu retrato, o ultimo, o mais convisinho da podridão. — Do seu muito grato — C. Castello Branco. — 11—11—87."

## V

Eis o parecer da *Lega Italiana*:

"E' uma stupenda foglia letteraria, un vero mazzo di fiori colti nel giardino poetico della gioventú paulista, riunito ed offerto al lettore dai Direttori Sigg. Adolpho Araujo e Renato Carmil, onde passi un pajo d'ore in deliciosa estasi, sognando, se maturo come me, tempi che piú non ritornano, se giovane, felicitá, amori, glorie che l'avvenire riserva ai piú arditi e privilegiati.

Il numero che ho presente é il 1º pubblicato il 4 corr. e vi si leggono i nomi simpatici di Wencesláu de Queiroz, Osorio Duque Estrada, e di tanti altri giovani ingegni che onorano la letteratura e poesia paulista.

La *Lega* ringrazia la *Folha* della sua visita cortese, le manda co' suoi complimenti i piú sinceri auguri di prospera e lunga esistenza.

### AUSENCIA

*Longe de ti! — o delirar insano,  
A saudade sem fim, a dor enorme...  
Si busco o somno, como leve engano,  
Durmo, porém o coração não dorme!*

*Fito-te a imagem, mas a imagem vòs,  
E á dor de novo, a soluçar, me entrego,  
E assim vou indo pela vida atòs,  
Qual vaç atòs, pela estrada, um cego.*

*Si te não vejo, do que vale a vida,  
Pois só me sinto proprio para amar-te!  
Assim tambem um' ave sem guarida  
Debalde busca um pouco em toda a parte...*

*Lucia! Lucia! debalde na montanha,  
Os echos gritam prolongadamente,  
E se perde no espaço a voz extranha  
De alguém que pede a companhia ausente...*

*Sou eu! Lucia, sou eu! Na soledade  
Deste meu pobre coração tristonho,  
Evito as plagas da realidade  
Na casca azul do bergantim do sonho!*

*Sonho-te ás vezes... falo-te sonhando,  
E tu respondes, como respondias  
As minhas phrases amorosas, quando  
Outr'ora eu tinha mais felizes dias.*

*Mas falo após... e nada me responde!  
Foges... e eu volvo ao meu isolamento,  
Que é como um campo de cyprestes, onde  
Psalmodiando, só perpassa o vento!*

SILVIO DE ALMEIDA.

## VI

Noticia o *Diario de Commercio*:

"Recebemos hontem uma bem redigida revista litteraria com o titulo acima.

No seu *mostrador de joalheiro* ha realmente nomes de pessoas de alto criterio litterario e titulos de produções ineditas de muito valor.

Esta boa colleção de coisas diversas, está sob a direcção dos srs. Adolpho Araujo e Renato Carmil.

Recommendando pois aos litteratos os bons trechos de prosa e, bellissimas estrophes, agradecemos a gentileza dos distinctos redactores."

### ATRAVEZ DAS ILHAS BRITANICAS

(FRAGMENTO DE UM LIVRO INEDITO)

Estava eu no Porto, no anno de 18... Em Julho d'esse anno, na epocha em que a disponibilidade do tempo para mim era outra cousa que uma figura de rhetorica, tomava passagem para Londres a bórdo do *Alga*, pequeno vapor de carga, que fazia derrota entre a capital do Douro e a metrópole ingleza. O *Alga* não media mais que uns setenta metros de comprimento e a camara não tinha maior extensão que a que teriam provavelmente as das velhas naus portuguezas, no tempo de Vasco da Gama. Mas eu formára de Londres uma alta idéa, quando pela vez primeira lá estivera sómente uns seis dias esticados, em 1873; e queria conhecer muito melhor aquelle colosso das capitaes européas. O tempourgia, porque só se me facultava o feriado de dois mezes, no emprego que então exercia. Não havia escolher. A's 7 horas do dia 6 d'aquelle mez de Julho embarcava no cáes de Massarellos e ás 11 largavamos bar-

ra fóra, no modesto *steamer*. Eramos ao todo uns cem passageiros, 5 viajantes, e . . . 95 bois. Já disse que o vapor era cargueiro. A estação, o céu, o vento, o mar prometiam bom tempo, e a cara aberta do capitão completava a promessa.

Eu tractei de me instalar convenientemente no meu beliche n. 5 ; um beliche noturno e mais que pequeno, onde á noite me via como n'um estôjo, cujas paredes internas se juxtapossem a cada uma das partes do meu corpo. Enfieei na cabeça um gorro, nos pés uns pantufos e subi ao tombadilho para gozar da sahida da barra e travar conhecimento com os companheiros de travessia. E' esta de todas as occasiões, aquella em que o homem deve ser mais facil. O circulo de relações torna-se tão apertado ! Eramos poucos, bem poucos. Um velho septuagenario, um moço, negociante, de 30 annos seguros, uma senhora de meia idade (e da idade media no vestuario), um engenheiro insolavel a qualquer temperatura de amabilidade, perpetuamente encorujado na sua misantropia esterlina, e emfim eu. Todos, á excepção do ultimo eram do paiz do *yes* e do *shocking* e pareciam estar soffrivelmente familiarisados com o oceano. Pela minha parte, eu não devia enjoar, attendendo ao longo tirocinio que tinha feito, em outras eras, de evoluções de esophago e de diaphragma, nos terriveis mares dos Açores. Tractei de convencer-me de que não enjoaria, o que já é meio caminho andado. Convicção, ar livre no convez, um pouco de habitos marinheiros, bastaram para obter o effeito desejado. O facto é que o espectro negro do vomito não encontrou em todos nós um só estomago onde viesse barafustar os seus infernaes corcovos.

Entre os passageiros havia um, Mr. Dulcken (o septuagenario a quem acima alludi), com quem travei relações aturadas, quasi intimas.

Foram-me preciosas para me orientar, á cerca de muita cousa pratica que eu precisava conhecer sobre Londres, que, a bem dizer, me era ainda desconhecida. Elle galgava todos os dias, logo pelas 7 horas, com o ar compenetrado e lento de um velho conselheiro, as escadas da camara e vinha assentar-se, no convez, entre os dois braços da sua *chaise-longue* ; eu, quasi pela mesma hora, vinha fazer-lhe companhia, montado n'um *moxo* de bordo, e ali principiavamos nós a londrinisar.

Não sou purista em inglez, mas Mr. Dulcken entendia-me quasi tão bem... como eu a elle. Assim fui armazenando noticias exactas de todos os monumentos mais notaveis da capital britanica, museus, praças mais de ver, estabelecimentos publicos, ruas, hotéis, *boarding-houses*, restaurantes, passeios, suburbios, etc.

Quem era este senhor Dulcken ? Um Londrino de raça pura, que negociava em vinhos do Porto, entre Inglaterra e Portugal. Fazia isto, havia 30 annos, anno por anno, tendo vivido no seu paiz outros tantos ; igualmente impermeavel á fraude e ao portuguez, ou por outra, incapaz de não ser leal e de assimilar uma palavra que acabasse em —A— e ainda menos em ÆO.

Admirava Camões, na fé de John Adamson (*Life and writings of Luiz de Camões*), não porque se tivesse nunca achado em *tête-à-tête* com "as armas e os barões assinalados,"

Póde-se dizer que as unicas relações positivas, directas e intimas que tivera com Portugal durante 30 annos fóra pelo summo da parreira do Douro. De resto, um homem de ferro no physico e de ouro de lei na alma ; affavel como um diplomata italiano e sincero como o alvoroço de um velho crédor quando recebe o pagamento de uma divida, com que já não contava.

Era alto, superlativamente alto, espadado, membrudo, bem musculado, mas não gôrdo. A linha horisontal fóra sacrificada á vertical, systema ordinario da natureza que não desenvolve por igual dois tecidos no corpo humano. Phisionomia á Gladstone, menos a barba syncopada todos os dias pela navalha ; olhos rasgados, onde se lia com a mesma facilidade com que se póde ler uma caligraphia correctissima, o attestado de um homem de bem, em paz profunda com a humanidade. Tez bastante morêna, apezar da sua origem britanica. Provavelmente dera-lh'a o mar e o sol que doura as uvas na minha peninsula ibérica. O nariz extraordinariamente rhomboidal, com cuja aza direita faziam constellação duas verrugas de dimensões desiguaes, não alterava em nada a *sympathia* que me inspirou desde o primeiro instante aquelle rosto de velho sobre cujas rugas sobrenadava intacto o sorriso bom e ingenuo da creança. Mr. Dulcken conservava-se quasi sempre sentado. Apezar da sua robustez, devia padecer um tanto de podagra, porque movia-se com certa difficuldade. Não é que lhe faltassem bases solidas. O pé do gigante estava em perfeita proporção com o tronco. Era um pé torentiniano, como o que inspirou a Bocage um dos seus mais chistosos epigramas ; porém, esse mesmo signal anatomico completaria na physiognomia de Lavater a descripção do character do homem de uma só peça, que prefere quebrar a torcer. Causa exquisita ! quando penso n'um ideal de typo honesto lembra-me logo a linguagem, o semblante, as maneiras e opé megaterico do septuagenario do *Alga*.

Mal tinha principiado a travar as primeiras relações com Mr. Dulcken, o capitão do vapor, Mr. Maccarthy, chamou-me de parte, dizendo-me que desejava falar-me, e desceu á camara do navio. Acompanhei-o. Ah! disse-me : "Tenho muito prazer em levar-o a meu bordo. Não sou inglez, sou irlandez. Portanto, é como se lhe dissesse, sou catholico. Minha terra é Dublin, onde vi, ouvi e tratei o cardeal Cullen, homem de notavel intelligencia e illustração " *a clever man*, de quem nós, irlandezes, somos entusiastas."

Estendi-lhe a mão e respondi-lhe — que a minha satisfação não era menor, pois tinha tamanho fraco pela heroica Irlanda e tambem pela verde Erin, que para conhecê-la de perto emprehendêra, em grande parte, aquella viagem."

E ficámos bons amigos. Já agora dois traços sobre o capitão. Um typo physico totalmente diverso do precedente. Fizera 45 annos na barra do Porto. Muito menos velho que a sua idade. Baixo, mesmo baixissimo sem direito a pygmeu, nutrido e bastante para deixar a qualquer a liberdade de lhe chamar cheio ou gôrdo ; rubro de zarcão no rosto como no cabello, depinçado da variola, o que lhe dava á pelle uma apparencia de escumadeira, testa roliça e olhar scintillante como um carbunculo, onde riam duas pupillas mobillissimas. De facto,

o nosso capitão era alegre que nem um vitello novo, ou melhor que nem . . . um irlandez de sangue puro, porque em geral é esta uma das melhores qualidades do filho de Erin. Alem disso, lésto em extremo nos movimentos e na gymnastica da conversa, o que é raro n'um descendente da raça saxonia. Em dois minutos tinha elle travado colloquio com todos os passageiros de bordo.

Ao 1.º "Como passou a noite com o vento forte que nos soprou das 2 ás tres ?

Ao 2.º Já de pé ? E' madrugador.

Ao 3.º Está melhor do enjôo ?

Ao 4.º Ora viva ! Não sei se sabe que estamos deitando onze milhas por hora.

Ao 5.º Vê aquella sombra horisontal ? E' já a costa dos Dovers.

P.º SENNA FREITAS.

## VII

Quem agora vae dar sua opinião sobre esta revista é *O Paiz*, um dos mais notaveis orgams da imprensa fluminense :

" *A Folha* é o titulo de mais um combate da imprensa paulista.

No seu mostrador de joalheiro refulge a pedraria e o ouro preciosissimos do talento e da arte.

São seus ourives-directores os srs. A. Araujo e Renato Carmil."

## SPECTRALIS

*Essa que hoje assim vês engelhada : o cabello Branco, livido o olhar ; essa que tem o rosto Tão chupado e senil, tão feio e descomposto Que te enojas até e arrepias ao vê-lo ;*

*Essa mulher que traz o ferrão do desgosto A zargunchar-lhe o seio e a transmudal-o em gelo, Já trouxe sobre a fronte um immaculo sello, Já foi pura e aromal, como rosa de Agosto !*

*A chamma desse olhar, o fulgor desse riso Adoradores mil disputaram outr'ora, Como a louva visão de ideal paraizo ;*

*Oh ! como me espesinha o prevêr, doce aurora, Que ha de um dia o teu corpo, esse corpo tão liso, Ser como o da mulher, que contemplas agora !*

ADOLPHO ARAUJO.

## VIII

Com esta epigraphie : *A Folha*, impressa em letras pretas e desafiantes, lemos na *Tribuna*, jornal do Rio :

" E' este o titulo de uma revista litteraria, que faz seu apparecimento na capital do Estado de São Paulo.

*A Folha* é um jornal bem feito, escripto com muito talento e com muito gosto, e dispõe de uma collaboração escolhida que lhe assegura muita prosperidade.

O numero que recebemos está ornado de excellente prosa, e bellissimos versos de Osorio Duque Estrada e Wenceslau de Queiroz, dois poetas adoraveis.

Nossos sinceros cumprimentos a *A Folha*, e agradecidos pela fineza do presente que nos fez do seu primeiro numero,"

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO

## Balanço das publicações

O CONDE DE S. SALVADOR — DISCURSO FUNEBRE PELO PADRE SENNA FREITAS — S. PAULO — TYP. A VAPOR LOUZADA & IRMÃO — 1890.

E' um folheto de 40 paginas, impresso com elegancia e arte. O auctor dedica-o á colonia portugueza do Brazil e abre-o com estas palavras de Isaias: *Será glorioso o seu tumulo.*

E' arduo fazer um estudo minucioso desta ultima obra do padre Senna Freitas, pois cada pagina della provoca uma revoada de considerações philosophicas e cada pensamento suggere mil outros pensamentos de vez.

Uma cousa fique, porém, consignada desde agora: este livrinho (*livrinho* o leitor tome como grifo, pois sómente me refiro ao volume material) é um repertorio de verdades sadias, que offerecem a intelligencia um largo e hygienico repasto.

Tanto quanto está em nossa competencia, opinamos que o orador tem, (raras vezes, embora) algumas decachidas, inevitaveis quasi, em um discurso de tamanho folego.

Convem notar tambem que podiam perfeitamente ser omittidos certos incidentes, aliás bem prosaicos para figurar em uma oração funebre. Onde, porém, o teu espirito esquadrinhador descobrir esta ou aquella aresta, leitor querido, lembras-te de que a formosura das expressões e o aprumo do estylo alisam-n'as e obscurecem-n'as até certo ponto.

Agora as bellezas da obra.

O *Discurso funebre* do padre Senna Freitas é escripto com uma fidalguia e elevação admiraveis. Encontram-se em todo elle figuras de uma sonoridade bossuetiana, phrases incisivas, technicas, ricas de precisão e sorprehendentes de verdade.

Não é raro que o leitor faça uma parada subita para reler o periodo e admirar-lhe a contextura e a combinação insubstitutivel dos termos.

O auctor esgrime o vocabulo e subjugua as idéas de um tal modo que electrica e avassala fatalmente quem por aquella pagina acompanha a sua cerebração alevantada e o seu espirito preclarissimo.

Antolha-se-nos principalmente como uma cousa digna de nota a maneira facil com que Senna Freitas observa os phenomenos animicos e tral-os para o lume. Poucos possuem a subtiliza intellectual do auctor do *Morto immortal*.

Quanto ao portuguez, a obra, é impecavel.

Não ha uma regra de syntaxe que esteja a pedir misericordia, não ha um só pronome deslocado. As proposições são tão bem lançadas e correctas que vemo-nos obrigados a asseverar (para usarmos de uma sua expressão referente a Camillo): — Senna Freitas é millionario na lingua em que escreve.

Não precisamos transcrever, nem uma linha, pois todos já conhecem a exactidão deste asserto.

Para rematar: nossos parabens ao padre Senna Freitas e pedido... para que publique mais!

### IX

Referindo-se ao primeiro numero desta quinzena, diz a *Platée*;

“Recebemos o primeiro numero d'*A Folha*, nova revista litteraria que appareceu nesta cidade no dia 4 deste mez.

*A Folha* é muito bem feita não só quanto ao trabalho typographic, mas tambem quanto a materia que contém, quasi toda de escriptores de nome.

Da maneira porque saíu o primeiro numero d'*A Folha* podemos dizer que está superior a *Semana da Vida Moderna* e tantas outras *Vidas Sanmarinas* que por ali se publicaram.”

## Os meus cabellos brancos

*Como crystaes de neve,  
Fios delgados de brancura extrema,  
Reverberando ao sol da madrugada,  
Qual nos serros a gemma,  
Baloçados de leve  
Pelos ventos na matta da explanada:*

*Assim reluzem tremulos  
Da minha frente no alto e pelos flancos  
Uns salpicos de prata luzídios,  
— Os meus cabellos brancos —  
Saudosos, tristes emulos  
Da brancura dos sonhos errádios.*

*No fundo de meu peito  
Numa tela de “nuvens multicôres”  
Trabalhavam artistas de talento  
No desenho de flores;  
Não poudo o amor — perfeito  
Representar na tela o pensamento.*

*Desenharam saudades  
Murthas, perpétuas, violetas, goivos,  
Rosas, lyrios, papoulas e a suinã,  
Flor sylvestre de noivos,  
Lembrança de amizades,  
Tão puras como o orvalho da manhã.*

*Meus artistas um dia  
Deram por findo o seu trabalho ingente  
E gritaram do centro de meu peito  
Que entre elles foi assente,  
Por grande maioria,  
Recomeçar de novo o quadro feito.*

*Um pobre ramilhete  
Deram então á tela de minh' alma  
Entretedido só de duas flores,  
Formando uma só palma  
De homoganeo estylete:  
Margaridas... Saudades... sem mais côres.*

*Por isso sobre os flancos  
E no alto da frente se me estampa,  
Entre escuras saudades a ledice  
De alvas flores da campa,  
— Os meus cabellos brancos...  
São margaridas, pois, minha velhice.*

JOÃO SILVEIRA.

### X

Agora leiamos o *Diario Popular*:

Recebemos o primeiro numero d'*A Folha*, excellente revista litteraria que começou a ser publicada pelos srs. Adolpho Araújo e Renato Carmil.

Cheio de uma collaboração distinctissima o novo jornal está destinado a ter um brilhante futuro e é isso o que francamente lhe desejamos.”

## DIREITO CONSTITUCIONAL

A GRANDE NATURALISAÇÃO EM FACE DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL

(Continuação)

### VI

Segundo a constituição politica que acaba de ser promulgada pelo governo, a elegibilidade do estrangeiro para os cargos de representante da nação é dependente de prazo: sómente decorridos sete annos da data de sua naturalisação, entrará elle no gozo daquella prerogativa.

Essa disposição não foi mais que a compilação do direito anterior. Nem por isso, entretanto, póde ella justificar-se.

Ha, todavia, outra restricção mais grave e, em nosso conceito, inteiramente repugnante com o espirito liberal do nosso direito politico.

Referimo-nos á incapacidade absoluta decretada na constituição contra a elegibilidade dos brazileiros naturalisados ao posto de supremo magistrado da republica, á cadeira de presidente dos Estados Unidos do Brazil.

E' certo que a constituição federal dos Estados Unidos da America do Norte tambem consagra a mesma disposição.

Será esse precedente um argumento digno de ponderação?

Em primeiro logar, aquelle codigo politico, sem duvida respeitavel pela sabedoria e o patriotismo que o inspiraram, traz a daeta do seculo passado. Fôra estranho que não houvesse o espirito publico progredido um passo, especialmente quanto ao amortecimento de animosidades ou prevenções internacionaes, desde então até o ultimo decennio do seculo XIX.

Além disso, as instituições politicas da União americana devem proporcionar ás jovens democracias proficuas lições, quando inscrevem em suas paginas principios generosos de liberalismo, de fraternidade e de progresso; não, porém, quando são o reflexo de sentimentos idiosyncraticos, de preconceitos derivados da historia peculiar do povo, explicaveis em vista de condições particularissimas, e que de modo nenhum se podem legitimar em outro meio social e n'outro tempo.

### VII

Ampliando-se, em certos casos, as incapacidades politicas quanto á elegibilidade, protege-se a liberdade eleitoral. E' o que ocorre quando a lei decreta a inelegibilidade daquelles cujo poder official poderia exercer pressão sobre o eleitorado.

Assim, porém, não acontece quanto á incapacidade opposta ao estrangeiro naturalisado. Essa incompatibilidade creada pela lei importa uma verdadeira restricção ao direito popular, á extensão do suffragio eleitoral; uma limitação arbitraria, vexatoria, injustificavel. E' offensiva dos direitos do cidadão naturalisado, que é brazileiro, tem direitos politicos — mas não póde ser votado; é contra os direitos do povo, que fica inhibido de n'elle votar, embora deposite em sua lealdade, em seu patriotismo, em sua competencia — a mais plena confiança!

Poderão objectar — que o cidadão naturalisado não se desprende, *malgré lui*, de certos vinculos moraes que o ligavam e

sempre hão de ligal-o á sua patria de origem e que d'esse facto poderão resultar perigos para a patria nova, uma vez que aquelle cidadão tenha galgado o lugar de chefe supremo da nação.

Confundem, os que assim argumentam a elegibilidade com a eleição.

Pelo facto de serem *eligíveis* ao cargo de presidente da republica, não serão *ipso jure* investidos d'esse alto posto os cidadãos naturalizados. Será necessario, além da elegibilidade, a eleição. Não é sufficiente o direito a ser eleito, requer-se tambem o facto de o ter sido.

Este depende do voto da maioria da nação, do suffragio popular.

A elegibilidade, portanto, não dá accesso a qualquer cidadão suspeito, mas sómente ao cidadão, por certo eminente por muitos titulos, que houver merecido a confiança e obtido os votos da maioria dos eleitores.

Quanto mesmo deversem todos os naturalizados inspirar prevenções, esse, distinguído tão nobremente por seus novos concidadãos, não poderia certamente deixar de constituir uma excepção á regra.

O facto da eleição derogaria, para o caso, a presumpção geral.

Com effeito, para poder alcançar a victoria eleitoral, deveria ter esse candidato, partindo de uma posição desvantajosa em relação a seus competidores, levado sobre elles vantagem por uma série de actos de patriotismo e benemerencia que houvessem recommendado seu nome ao suffragio dos eleitores.

Dado mesmo que, antes de ser eleito o cidadão naturalizado nada tivesse feito que comprovasse de modo expressivo seus sentimentos de adhesão á nova patria, ainda assim, si por isso foi um erro o voto popular, não é natural que, depois de eleito, esse varão se torne indigno da confiança tão generosamente depositada em sua lealdade. O que elle deve á patria de origem, para antepôr os d'ella, em caso de conflicto, aos interesses da patria adoptiva, que foram confiados á sua honra como sagrado deposito?

Emigrado, geralmente por que não encontrava a felicidade no seio da sociedade em que vivia, conserva d'ella a recordação de soffrimentos materiaes e talvez de perseguições politicas.

O que o liga á nova patria?

Tudo, e ultimamente ainda a mais eminente posição a que tenha sido elevado pela generosidade, pela confiança, pela dedicação da maioria de um povo inteiro!...

O que pois autorisa a imaginar que esse notavel cidadão que tornou-se popular a ponto de reunir a maioria dos votos da nação, reserve no peito insidiosos projectos de traição e se torne indigno da honra a que foi elevado?!

Essa conjectura não é natural. Não ha para quem tenha attingido aquella culminante posição interesse superior ao de bem servir a patria que o distinguio e que o ama como ao mais benemerito de seus filhos.

### VIII

Imaginemos, porém, que effectivamente tenham fundamento as prevenções dos pessimistas em relação aos cidadãos naturalizados. Imaginemos ainda que se verifique a eleição de um d'esses cidadãos ao posto supremo de presidente da republica e que,

de posse das redeas do poder, elle se ache em posição de decidir entre interesses da patria adoptiva e da sua ex-patria.

Figuramos esse conflicto de interesses porque, si elle se desse entre os da patria nova e os de qualquer outra nação, cessaria a prevenção de pendôr, oriunda da subsistencia de sentimentos nativistas

Voltemos, porém, a hypothese: Si, em tal caso, fosse um homem de bem, um homem leal o presidente eleito, sendo certo que se não sentisse com sufficiente força para cumprir com seu dever, é natural que se demittisse do cargo.

Dado, porém, que o não fizesse, por não ser revestido d'aquelles honrosos predicados, ainda assim, achar-se-ia sob a pressão da fiscalisação universal do povo, e não poderia impunemente abusar da confiança d'elle.

Surdo á consciencia do dever, elle seria contido pela prudencia, e pelo temor. Em todo o caso, não seria bem succedido em qualquer tentativa; pois suscitando legítimas apprehensões, despertaria e sublevaria o patriotismo da nação, a indignação do povo.

Mas, para que basearem-se disposições de lei em hypothese gratuitas?

O que é natural, o que é razoavel, o que a experiencia confirma — é que, em taes posições, o homem obedece ao mais poderoso estímulo; e este consiste em corresponder á confiança, á honra, á dedicação com que elle é distinguído.

O general Moltke era dinamarquez, de origem; porém foi o commandante em chefe do exercito prussiano na guerra de 1864 entre a Dinamarca e a Prussia, sua patria adoptiva.

A patria não é o sólo, não são as casas e os rochedos; é a sociedade. Não é a natureza physica, é o mundo moral. Assim, a patria é o lugar onde se prendem os nossos affectos, onde habitam nossa familia, nossos amigos, onde vivemos feliz. Não é uma cousa, é uma pessoa moral. Não é a terra, é a nação. Não é o paiz em que nascemos, é aquelle que mais amamos.

Geralmente esses paizes estão identificados n'um só. Quando, porém, isso não se dá, procura o homem ligar-se pelo facto da naturalisação, mais ao lugar que elle ama, e ao qual deseja devotar os esforços de sua actividade, que ao paiz do qual se expatriou e tem-se desligado pouco a pouco, dominado por vinculos moraes mais poderosos.

Em taes condições, é injusto, é impolitico, é irracional — estabelecerem-se desigualdades entre cidadãos natos e naturalizados.

Confiados na generosidade dos sentimentos da nação brasileira e na rectidão de espirito d'este grande e nobre povo, affagamos a esperanza de que a sã doutrina ha de por fim prevalecer em nosso direito constitucional.

S. Paulo, 2 de Julho de 1890.

J. L. ALMEIDA NOGUEIRA.

### XI

Ha no *Jornal da Tarde* uma boa secção intitulada *A' margem*.

Della extractamos o seguinte:

"Encontro-me seriamente atrapalhado neste momento, um tanto *solemne*; mas mesmo muito,

Imagine o leitor que tenho sobre a mesa defronte, á luz de meus olhos a sorrir-me com um desses sorrisos elegantes e ironicos de menina faceira e atrevida... o que?

Um botão de rosa? um convite para *soirée*? uma garrafa de licor — *chartreuse*? a tromba do elephant Jouski?

Nada leitor; nada disso...

O que eu tenho aqui ao meu lado numa alegria intima, numa deliciosa satisfação é simplesmente a companhia adoravel de... um ramalhete de flôres, de um bellissimo escritorio de pedrarias, onde fulguram bellos versos e boa prosa de Zalina Rolim, Julia Lopes, Raymundo Corrêa, Filinto de Almeida, Eduardo Chaves, Adolpho Araujo, Osorio Duque Estrada, Wencesláu de Queiroz, Silvio de Almeida e outros...

O primeiro numero d'*A Folha*, leitor!

O primeiro numero de uma *quinzena litteraria*, redigida com talento, com criterio, com elegancia... onde, entre bonitas estrophes buriladas com amor de artista, com capricho, adeja alegre e buliçosa como uma borboletinha faceira, uma chronica do Adolpho, a que elle denomina *azul*... "*azul como a esplendida celagem de um céu americano; mansa como um bando acinzentado de rolas que se espairecem por entre gramineas em flôr; delicada como um véosinho de escumilha, acobertando uma alma de moça, rica de seiva e gorgejada de sonhos*..."

Um primor!

\* \* \*

Estes dois distinctos moços — Adolpho Araujo e Renato Carmil: os directores d'*A Folha* — são dois verdadeiros... heróes.

Publicar em S. Paulo uma folha essencialmente litteraria, repleta de bonitas produções ineditas, uma *Semana*, em summa, quando os jornaes litterarios, na maioria das vezes, são recebidos infelizmente pelo publico com uma indifferença cruel...

Mas... não! esperem...

Estou mentindo, mentindo horriavelmente; o publico de hoje não é o mesmo de outr'ora, não é: da elegante *quinzena litteraria* venderam-se hontem, á noite, só alli á porta do *Java*, 45 exemplares...

Perdôe-me, o publico. — R. A."

## PERFIDA!

"All was ended now, the hope and the fear and the sorrow..."

LONGFELLOW.

*Tu, que governas toda minha mente  
E que meu coração todo governas,  
Com umas phrases melodicãs e ternas  
Me encantavas outr'ora docemente.*

*Falsidade, mulher! Pois quem não sente  
Tuas perfidias? Quem essas internas  
Agitações não vê, loucas e eternas,  
Atravez do teu meigo olhar fulgente?*

*Com que negro pezar, com que desgosto  
Entrevi pelas linhas do teu rosto  
Essa expressão cruel que te condemna;*

*E, ah! hoje vejo que virginea e calma  
Sejas embora, tens contudo um' alma  
Rugidora e feroz como uma hyena!*

SERPA PINTO.

## XII

*Marrasquino*, pseudonymo com certeza de algum litterato conhecido, disse ha dias na sua secção — *Salada de fructas do Paiz*:

“Recebi de S. Paulo uma folha encantadora — *A Folha*. Escripita, composta e impressa com originalidade e com gosto.

São seus directores Adolpho Aranjo e Renato Carmil. E com muito boa collaboração. Lá vem Julia Lopes, Raymundo Corrêa, Ezequiel Freire, Medeiros e Albuquerque, etc.

Não transcrevo nenhuma das bonitas coisas d'*A Folha*, porque não tenho 5\$000 disponiveis e a Associação dos Homens de Letras é implacavel, é indefectivel, quando trata de cobrar.”

## O chavão do estylo

Lembram-se ainda: affirmáramos que *A Folha* tinha sido inventada para as pessoas de gravata lavada.

Dito e feito.

Apenas sungou-se o panno e a rapariga apontou na bocca do palco, as platéas alvoroçaram-se todas, desatando inopinadamente em uma tempestade de applausos.

Gritavam *bis!* com toda a energia dos bofes.

O delirio ascendeu a um ponto alto, muito alto.

Espectadores houve que, ebrios de entusiasmo, enfiaram pela scena a dentro e estalaram-lhe beijos na testa.

A pobre confundiu-se: enrubeceu de acanhno.

Estréa tão bôa, triumphos tão opulentos são inéditos na historia guttembergiana dos prélos.

Nunca vimos tamanha profusão de petalhas. Aquillo eram *bouquets* e mais *bouquets* cahindo em chuvarada de todos os lados.

Depois do spectaculo então a coisa recrudescceu devéras.

Por Jupiter! si os cartões, os cumprimentos e as flores alimentassem o buxo, *A Folha* estava arranjada.

Podia passar ali annos e annos estirada sobre a fofeza de uma *chaise-longue*. Teria messe farta para um decennio.

Porém, deixemos disso, deixemos disso, meus burguezes!

Palmas não obesificam, ou o que é mais, não matam a fome.

O que robustece, o que conserva os musculos são os dois tostõesinhos phtysicos que tiraes do bolso com uma dor intensa e amargurada. Isto sim!

Quereis nos ouvir palmear vossa generosidade?

Mostrae-nos o recibo da assignatura.

Um qualquer daquelles canalhas que escreveram em latim disse uma vez que — *tamen est laudanda voluntas*.

Pois agradecemos a vossa boa vontade!

Os dois.

## XIII

Quem quizer ver uma apreciação como *il faut*, veja o *Diario do Commercio* do Rio:

“*A Folha* nasceu em S. Paulo a 4 de Julho, uma data historica.

Bom signal: quer dizer que se tornará uma folha da historia...

Da historia litteraria da Paulicéa.

Tem á sua frente um punhado de aguias, como Wencesláu de Queiroz, Ezequiel Freire, Raymundo Corrêa e muitos outros cujos nomes constam do *mostrador de joalheiro*.

São directores d'*A Folha* Adolpho Aaraujo e Renato Carmil.

Em synthese, *A Folha* é uma joia.

Notámos, porém, uma... originalidade: Diz o art 4.º dos seus *Estatutos*:

“Não se transcreve cousa alguma. Tudo é INEDITO.”

Entretanto lá está o soneto *Justiça Humana*, infringindo os estatutos.”

— Defeza da redacção:

Como se ha de, senhores do *Diario*, como se ha de criticar um soneto sem transcrevel-o?

## FACTOS E COISAS

A' esta hora está porventura o nosso querido Bilac pascendo a vista pelas savannas liquidas do Atlantico, o vastissimo oceano por onde as oscillarias se alastram finas e emmaranhadas...

Si este poeta não fosse tão rapaz e tão sacudido ainda, compararíamos a sua visita ao velho continente com a partida de Anacreonte para Athenas.

Este tinha umas cans majestosas e luzidias que coroavam-lhe a cabeça como um turbante de neve. As nayades sorpresas e respeitosas emergiam á flôr d'agua para contemplar-lhe a figura suavissima, rente á pôpa, engrinaldada de hera e pampanos...

Tu, porém, presado Olavo, não és velho e pois não podes ser o nosso Anacreonte.

Isso, entretanto, não priva que as nymphas do oceano desfolhem sobre tua extraordinaria cabeça um punhado de saudades — symbolo das que deixas entre teus patricios.

— x —

No dia em que se levar avante e ficar definitivamente feita a *Empresa Editora*, propomos uma passeiata civica.

O commercio todo illuminará a frente a bicos de gaz, os edificios publicos se enfeitirão de plumulas e bandeiras, as ruas se estenderão alinhadas e limpas, trajando uma vasta *toilette* de folhagens soltas com bambinellas pendentes.

Haverá um delirio immenso pela cidade em fóra.

Discursos, flores e *champagne* borbulharão indistinctamente pelos cafés, pelas confeitarias e pelas casas particulares.

O escrivão de poesias, nosso adorado Felinto de Oliveira, dará um lauto e opi-paro regabofe águado de *Rhin frappé*, e no fim (prodigio dos prodigios!) recitará uns saborosos decasyllabos!

— x —

Verde, como a esperanza, (e isto só para moer o Alfo da *Chronica Vermelha*) é a capa de um folheto nitido que o sr. visconde de Taunay remetteu-nos do Ric.

Não asseveramos que é uma obra *admiravel, profunda*, etc., por esta razão simplissima: — não o lemos ainda.

Saiba-se, entretanto, que a apparencia nos foi muito sympathica, tanto mais que o visconde tem ja escripto coisas bem boas.

— x —

*A Folha* está do lado do Vicente de Carvalho nesta questão dos 5\$000 aventada entre os *Diarios Popular* e *da Manhã*.

Afinal de contas é preciso todos nos convençamos de que si discordarmos ser a propriedade litteraria uma propriedade como qualquer outra, então não temos mais que nos queixar.

E' ficarmos muito quietinhos e continuarmos a escrever para o bispo!

— x —

O medonho poeta Felinto de Oliveira acaba de ser coroado no Rio pelo dr. Paula Ney.

Pandego e galhofeiro como é, este senhor é bem capaz de ter envergado uma tunica de anjo para sagrar a assombrosa zorrice do já celebre escrivão!

Este Felinto...

— x —

Esse inverno selvagem e pesadão, que os poetas vivem por ahí a enaltecer dizendo que

*Por essas noites frias e brumosas  
E' que melhor se póde amar...*

esse inverno nauseoso e enfarruscado é um portador funestissimo de miasmas e particulas toxicas. Mal o bandido mostra a ponta do nariz, já os narizes do proximo comecam a destilar pavorosamente e empurrados pelas doencas, demandamos o conchecho do leite, um leite entediante, que nada tem de voluptuoso.

Que digam-nos o Prates e o Ricardo si isso é ou não verdade.

Andam os dois ha dias presos entre um cobertor de felpa e um colchão, sem poderem continuar a fazer do *Jornal da Tarde* um mimo da gente, como soiam.

Acabemos com isto, sr. Inverno! Dá-nos para aqui já o Alfredo e o Azamor reavigorados e fortes, de armas empinadas ao hombro, collocados cada qual no seu posto!

— x —

Procuravamos umas palavras bonitas para falar do seu anniversario...

Alcindo Guanabára — pensámos nós — foi e é um rapaz de talento... Mas, diabo! isto é chapa e...

Nisto chegou o Alfo que trouxe engasgadas entre os dedos umas quadrinhas burlescas e modeladas rudemente. Não importa.

Comquanto o Pardal ande por ahí a esguelar improperios, dizendo que a Poesia está nas vascas, não deixamos de crer que a diabinha sempre é melhor para estas coisas do que a voz da rhetorica balofa e esganiçada...

Venham pois as trovas do Alfo tirar-nos deste aperto:

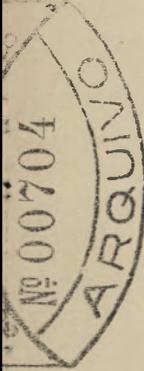
Sinto hoje extraordinario  
Infindo  
Prazer pelo anniversario  
Do Alcindo.

Desconheça-o muito embora,  
O seu  
Talento ninguem adora,  
Como eu.

Contente, pois, e alegrado  
Mil cores  
Lhe eu envio n'um punhado  
De flores.”

Nota da redacção:  
Somos solidarios com estes versos.— São Paulo, 21—7—90.

Aremil.



## XIV

Escreve a *Ordem* de Ouro Preto :

“Recebemos de S. Paulo o primeiro numero de uma revista com este titulo, alli publicada a 4 do corrente, sob a direcção dos srs. Adolpho Araujo e Renato Carmil.

Originalissima e esmerada na fórma, *A Folha* é tambem primorosa pelo merito e variedade dos escriptos que publica — prosa correcta e amena e poesia vasada nos mais puros e applicados moldes artisticos.

Como revista litteraria é, no seu genero, uma joia, fulgente, bella e iriada com as mais perigrinas scintillações do gosto e do talento. Si não fôra a multa dos estatutos respectivos — teriamos de transcrever longos trechos de suas paginas esplendidas, para documentar a justiça de nossas homenagens.

Felicitemos ao contemporaneo e nelle toda a imprensa paulista.”

### CHRONICA VERMELHA

Cala-te, meu fogoso, meu indomavel, meu incomprehensivel coração!

O amor livre não é uma coisa que se exija assim descerimoniosamente como quem pede a polpa de um labio macio para morder e saborear.

Tranquillisa as tuas pulsações desorientadas, abafa a irritabilidade hysterica dos teus nervos, subjuga os estalos libidinosos d'essa carne barbara e insoffrida.

Comprehendo-te perfeitamente, meu assustadigo camarada.

Isso nada mais é sinão inferencia desoladora dos capitulos de Proudhon, esse maldito, esse revolucionario, esse infame Proudhon, cujas paginas de fogo vives lendo e relendo, mastigando e deglutindo com a furia plethorica de um sedento.

Tu, a menos que queiras construir um codigo novo e romper com os apodos da egualitariedade, não podes, meu invencivel coração, quebrar os vencellos que te aprisoam e ir esmoliar os adulterinos affagos da vizinha.

Tu não podes saltar o muro dos preconceitos para ir a deshoras confabular á grade do jardim com aquella pequena buliçosa, que nos anda a mandar olhares ás furtadelas pelos buracos de sua gelosia...

Nem me venhas objectar de que esta sociedade é uma pobre messalina, abeberada a um montão de convenções azininas e bestiaes. Nem me venhas dizer que o amor livre já existe, porque a policia approva a prostituição e legalisa os lupanares.

Não, meu velho, isso é um sophisma perfido que me contrapões.

Deves guardar para as minhas ordens a mesma passividade e obediencia, que em Roma guardava o filho para seu pae, para o patricio o plebeu.

Do contrario, seria melhor que sahisses pela rua em fora, especie de beleguim que procura garrafas vazias, a gritar, a gritar em voz nitida e sonora: — Uma donzella, meus senhores! Quem me quer vender uma donzella? Quem me quer vender uma donzella? Compra-se com boas condições! Quem quer vender? Quem me quer vender uma donzella, meus senhores!

Mas, afinal de contas tu tens razão, meu desbragado companheiro.

Isso de paixões e de namoricos floreçados de cavatinas e puidos de madrigaes são velharias feculentas contemporaneas de Sesostris e Agésiláo. As paixões são flores inodoras.

O progresso é o progresso e nós precisamos caminhar.

Gravitar zorreiramente, perpetuamente, em direcção ao mesmo centro; resentirmos dos mesmos aleijões organicos, sem soltar o nosso protesto vibrante, rijo, inquebrantado é exhibir um temperamento pifio e ultra-pusillamine, enfermigo e domavel.

Bistorise-se com resolução firme e pulso de aço as carnes anemicas desse Amor Platonico, pantafaçado e vistoso, porém ôco e vasio — que memorisa o asphalto esfumado e desfeito em nevoas de pó. Faça-se uma guerra desabrida a Alfred Musset! Hostilise-se Delavigne e Pope, Schiller, Petrarcha, Victor Hugo, Espronceda, Klopstock, e Valladares!

E não é difficil nullificar a hegemonia que elles sobre nós exercem. Um pouco de concentração, meus senhores; basta um pouco de concentração na autopsia desse abantesma rude e safaro... E depois ahi tereis a Bastilha dos Idealismos a ruir solta, escangalhada, desembuxando ao sol o camucho de suas entranhas sarabulhentas e rotas, carcomidas pela carie de mil seculos.

Que importa que morra o Beijo? que importa que morra a Poesia? que importa que succumbam as paixões?

Póde expirar o Beijo, podem morrer as Paixões e a Poesia que isso não entangue, nem esmorece o nosso systema nervoso.

Venha o Amor Livre, o Amor Vermelho, o Amor Natural que se explode espontaneamente sem conhecer a mulher do visinho, sem respeitar a filha do conselheiro.

A razão está, pois, contigo, meu livre coração!

Tens por musa a Natureza — a grande *Mater* serena e bôa de todos os seres. E' na ampla Biblia misteriosa e cabalistica que ella te aponta que vaes soletrar os tercuculos esplendidos do Amor Verdadeiro e Bom. Quando o espiculo da carne aferrôate os nervos, bacorejas desordenadamente, é certo; mas é que a carne é um aggregado de moleculas sahidas da propria Natureza.

Proclama, pois, os principios do Livre Amor; atrôa-me o cerebro com os teus berros de luxuria incoercivel; solta com força os teus *evolês!* de bacchante atacada de nymphomania.

E um dia has de vencer, afinal. Verás o Platonismo immerso em um montão de cinzas para delle se erguer o Realismo, vitalizado de seiva, rosado de sangue, musculoso, forte, pujante como a Phenix da lenda mythologica.

Alfo.

## XV

Arthur Azevedo, o grande escriptor, falando do *Braz Cubas*, faz estas honrosas reflexões sobre *A Folha* nos seus irisados *Floccos*:

“Virá com as mesmas intenções o primeiro numero d'*A Folha*, revista quinzenal que viu a luz naquella cidade de S. Paulo,

aos 4 do corrente mez?

Faço votos para que assim não seja. Seria para lastimar. *A Folha* é sympathica, suggestiva, e tem um perfume intenso de juventude e talento.

São seus directores os srs. Adolpho Araujo e Renato Carmil. No *mostrador de joaheiro*, expressão com que *A Folha*, no seu horror pela *chapa*, substitue a palavra *sumario*, figuram nomes illustres como os de Ezequiel Freire, Raymundo Corrêa, Wencesláu de Queiroz, Julia Lopes de Almeida, Medeiros e Albuquerque, Zalina Rolim, Eduardo Chaves, etc.

Desejo, repito, que *A Folha* não seja uma folha secca, que o vento leve, mas continue a dar-nos primores em prosa e verso como neste primeiro numero.”

### Estatutos d'A FOLHA

ART. 1. *A Folha* em avulso custa a bagatella (que escandalo!) de 200 rs. ! Só a receberão de graça os collaboradores e a imprensa.

ART. 2. As assignaturas são semestraes ou trimensaes. Custam aquellas — 3\$000, e 1\$500, estas.

ART. 3. Não se transcreve coisa alguma. Tudo é INÉDITO (excepto as opiniões da imprensa, já se vê).

ART. 4. Solidarios com os Homens de Letras, cobraremos 5\$000 (ou *Brazis*, á guisa do cidadão Moraes e Silva) por qualquer transcrição feita de nossas columnas sem auctorisação do auctor ou... da redacção!

ART. 5. Até a presente epoca não conhecemos outros directores ou proprietarios d'*A Folha* que não sejam os srs. Adolpho Araujo e Renato Carmil.

Os dois.

## XVI

Um dos proeminentes organs do jornalismo do Rio, o *Vassourense* penhorou-nos com estas phrases:

“Chega-nos de S. Paulo o primeiro numero de uma interessante publicação: *A Folha*.

Tem como redactores dous rapazes de talento, Adolpho Araujo e Renato Carmil.

Este ultimo nome é o pseudonymo de um intelligente filho de Vassouras. (1)

*A Folha* na sua primeira exposição apresenta-se-nos um periodico litterario dos melhores; basta dizer que nesse numero assignam artigos em prosa e poesias Wencesláu de Queiroz, Raymundo Corrêa, Julia Lopes, Ezequiel Freire, e outros escriptores que na nossa minguada republica das letras estamos habituados a estimar e respeitar.

Com assentimento e ordem do auctor transcrevemos o bello artigo de Raymundo Corrêa, *Rabulices*.

Felicitando os srs. Adolpho Araujo e Renato Carmil pela publicação da sua excellente *Folha*, desejamos vel-a sempre viridente, e que nunca lhe falte a seiva vivificadora.”

(1) Engano do dr. Lucindo. Renato Carmil é nome proprio do pseudonymo. — (Nota do

